

**Deborah Rodríguez
Santos**
Universidade Federal
Fluminense
Niterói, RJ, Brasil

O QUE OS OLHOS NÃO VEEM: CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS AUTOBIOGRÁFICAS NO FACEBOOK

WHAT EYES CAN'T SEE: CONSTRUCTING AUTOBIOGRAPHICAL MEMORIES ON FACEBOOK

RESUMO

O artigo busca refletir, a partir de uma abordagem teórico-empírica preliminar, sobre as formas através das quais o site de rede social Facebook interfere nos processos de construção e socialização da memória autobiográfica, considerando dois tipos de agentes: as funcionalidades que permitem a circulação e reciclagem dos relatos de si, por um lado, e a customização dos relatos realizada pelos usuários no acervo autobiográfico da plataforma em situações de término de relacionamento amoroso. Com base nisto, é acionada a ideia de rupturas performáticas proposta por Polivanov e Carreira (2019) de modo a problematizar a forma como essas rupturas nas intencionalidades dos atores podem ocorrer devido à ressocialização de relatos autorais remetentes ao tempo passado, que complexifica a relação entre a tríade narrativas de si, tempo e memória autobiográfica no Facebook.

Palavras-chave: memória autobiográfica; Facebook; rupturas performáticas.

ABSTRACT

This paper aims at discussing, from a preliminary theoretical and empirical perspective, the ways through which social media site Facebook interferes in the processes of construction and socialization of autobiographical memories, considering two main interferences acting in this process: on one side, the platform's devices that allow self-narratives to circulate and to be recycled, and on the other, each user-narrator's edition actions conducted among his/hers autobiographical archive on the platform, in contexts of romantic breakups. The idea of performative ruptures proposed by Polivanov and Carreira (2019) is used to think about the ways in which such ruptures in users' intentions may happen due to re-socialization of authorial accounts referred to past times, which complexify the relationship between self-narratives, time and autobiographical memory.

Keywords: Autobiographical memory; Facebook; performative ruptures.

Recebido: 28/11/2019 / Aprovado: 23/08/2021

Como citar: SANTOS, Deborah Rodríguez. O Que os Olhos Não Veem: construção de memórias autobiográficas no Facebook. Revista GEMInIS, pp. 327-344, v. 12, n. 2, mai./ago. 2021.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 3.0 Internacional.



INTRODUÇÃO

Os sites de redes sociais reconfiguraram as formas de narrar ao outorgarem aos sujeitos contemporâneos novas possibilidades discursivas e novas dimensões de sociabilidade. Em tentativa por recuperar a genealogia deste fenômeno, Sibilia (2016) discute o deslocamento que, apesar de preceder a ditas plataformas, se intensifica com elas: a passagem do eu introduzido para um eu alterdirigido que veio acompanhando as mudanças estruturais e de imaginários acontecidas durante os séculos XIX e XX, com a chegada dos tempos modernos. A consolidação destes novos regimes de produção do eu (SIBILIA, 2016) começou a revelar, na ordem discursiva, a valorização de narrativas e histórias de vida que sublinhavam a figura individual dentro de relações sociais no meio das quais a individualidade ficava dispersa e indetectável, e onde a figura de um outro na plateia começaria a se tornar essencial para validar ditas autobiografias.

Avançando para os dias atuais, vemos como através das mídias sociais vivências íntimas socializadas nessas ambiências começam, através de diversos formatos e semioses (BERTO e GONÇALVES, 2011), a circular para, eventualmente e sob a ação do tempo, se tornarem memórias autobiográficas (WANG e BROCKMEIER, 2002). Dentro das mídias digitais mais prolíficas para a análise de sociabilidades contemporâneas onde estas autobiografias ganham corpo, temos o *Facebook*, considerado como um site de rede social (boyd e ELLISON, 2007) que tem desempenhado um papel importante como curador e palco de narrativas que integram os diários cotidianos de milhares de usuários ao redor do mundo. A plataforma foi lançada em 2004 e desde essa data tem variado consideravelmente suas funcionalidades, oferecendo aos usuários um serviço gratuito de construção de perfis que lhes permite estabelecer vínculos de sociabilidade a curto e longo prazo com pessoas espacialmente dispersas entre si. Como na maioria dos sites desta natureza, a possibilidade de estabelecer conexões vem dada pela capacidade que cada usuário tem de construir sua rede de contatos utilizando a narrativa como principal recurso de acesso ao mundo individual e coletivo no qual se move, seja esta de natureza pública, semi-pública ou privada. Resulta interessante pensar no Facebook a partir da ideia de autobiografia, pois até o próprio design da plataforma explicitamente aciona este olhar, a partir da existência de timelines ou linhas do tempo que irão ser preenchidas pelos usuários com vivências, pensamentos, check-ins, dentre outros recursos, e que a plataforma organizará cronologicamente de acordo com o tempo de postagem.

O que você está pensando? interpela a plataforma sempre que o *login* é feito, produzindo incitações diretas para que usuários descrevam sentimentos, percepções, opiniões políticas e todo um leque de relatos que irão compor o repertório autobiográfico do perfil, ao qual tanto esse usuário quanto sua rede de contatos poderão acessar com certa frequência.

A respeito dos desafios narrativos que a plataforma lança para a experiência social, Berto e Gonçalves (2011) já sinalizaram que o *Facebook* estaria se tornando em si próprio um gênero emergente, e que a interação entre os usuários que convivem nesta rede estaria dada fundamentalmente através de quatro semioses principais: “[...] a escrita, a associação de fotos, conteúdos audiovisuais e imagéticos, a convergência entre as diversas plataformas digitais através da postagem de links; e a possibilidade de comunicação não verbal, pouco explorada em outras redes sociais” (BERTO e GONÇALVES, 2011, p.105). Tais possibilidades discursivas potencializam a criatividade dos usuários à hora de construir narrativas de si e desenvolver performances que lhes garantam a criação de personas (POLIVANOV, 2014) dentro do espaço social que habitam na rede. Dadas estas confluências de formatos e considerando a possibilidade de registro e rastreamento (BRUNO, 2012) dos discursos que são postos em circulação diariamente na plataforma, o artigo explora as formas como os relatos de si circulantes no *Facebook* outorgaram à plataforma lugar de co-criação da memória individual e coletiva nos dias atuais, em cuja construção influenciam, por um lado, os recursos discursivos disponibilizados nesse ambiente, e por outro, a customização de relatos autorais pelos usuários que os põem em circulação, assim como pelo agenciamento daqueles que compõem a rede de contatos.

A partir do recorte de dois casos de estudo é discutido neste artigo o agenciamento do *Facebook* na construção de memórias autobiográficas, propondo que, no cenário midiático que a plataforma fornece, a memória autobiográfica ganha uma natureza customizável e se torna, potencialmente, passível de ser inscrita no tempo presente, contrariando em certo sentido a nossa compreensão sociocultural de memória como sinônimo de evento passado e produzindo desordens temporais dentro da plataforma que afetam também as formas de socialização em torno dessa memória. O primeiro dos casos evidencia o papel ativo do usuário narrador na customização de memórias autobiográficas com alto conteúdo afetivo, enquanto o segundo permite observar como ferramentas da própria plataforma potencializam rupturas performáticas (POLIVANOV e CARREIRA, 2019) para esses atores, a partir da reciclagem automática de memórias armazenadas previamente por eles.

Em termos metodológicos, o objeto foi trabalhado a partir de aproximações de inspiração etnográfica desde a condição de *insider* íntimo¹ (TAYLOR, 2011) no que diz respeito da relação com

¹ Termo cunhado por Taylor (2011) para descrever uma relação entre pesquisador e interlocutores que comporta distinções importantes do que aquela que apenas se estabelece desde a posição de *insider*. O *insider* íntimo não apenas faz parte do grupo social que analisa como também mantém laços próximos com seus participantes de pesquisa. No caso do presente artigo, foram selecionados dois interlocutores que fizeram parte da pesquisa de mestrado da autora, sendo ambos também amigos próximos.

os interlocutores, os dados apresentados foram coletados utilizando as entrevistas via chat e e-mail, e o monitoramento de perfis durante o período de um ano. Apesar de dispor de material gráfico coletado durante o monitoramento dos perfis², optou-se por apresentar no presente manuscrito apenas o corpus referente às entrevistas pessoais com os interlocutores, em consonância com o objetivo do trabalho, focado em estudar as estratégias implementadas por atores sociais no *Facebook* para o gerenciamento de memórias autobiográficas, assim como em entender como são afetados por elas.

1. O EU NARRADO NA VISIBILIDADE: Memórias autobiográficas e sites de redes sociais.

No livro “O Show do Eu: a intimidade como espetáculo”, Sibilia (2016) vai propor um questionamento fundamental para pensarmos as escritas contemporâneas através das plataformas virtuais interativas. A autora questiona se a paisagem enunciativa impulsionada pelas mídias sociais estaria conduzindo à proliferação de expressões de si meramente ficcionais ou se haveria realmente uma imbricação condizente entre a vida considerada como real e as passagens cotidianas que atores estruturam nas suas narrativas. Quais seriam as fronteiras entre ficção e realidade num cenário que parece favorecer o desaparecimento dos limites demarcados entre um mundo e outro? Para além de não estarmos preocupados em julgar o quanto de realidade haveria nessas escritas produzidas no ambiente online, interessa-nos pensar na complexidade acionada pelos sites de redes sociais no que diz respeito das potencialidades criativas com foco na vivência pessoal que estes relatos contêm, e que nos permite identifica-los enquanto gêneros autobiográficos.

Os relatos autobiográficos se consolidaram a partir do século XIX, coincidindo com a emergência do romantismo (RADSTONE, 2000). O que este movimento trouxe de novidade na ordem dos discursos foi a intensificação de visões do mundo que colocavam o indivíduo como centro de atenção e o incentivo para falar sobre si. Ao romper com a religiosidade extrema e a busca de respostas espirituais fora do indivíduo, emergiram novas formas nas quais o autoconhecimento, a capacidade de imaginar, racionalizar e cultivar a ideia de um eu através da escrita começaram a ser altamente valorizados.

Certeau (2017) ao se referir às relações entre os referentes objetivos que a narrativa recria por meio de recursos linguísticos variados, argumenta que: “A origem não é mais aquilo que se narra, mas a atividade multiforme e murmurante de produtos do texto e de produzir a sociedade como texto” (CERTEAU, 2017, p.204). Ao fazer uma distinção entre o narrado pela escrita e o referente que é

² Faz-se referência à etapa de imersão em campo que a autora desenvolveu durante sua pesquisa de mestrado, que ocorreu de março de 2015 a março de 2017 e objetivava analisar narrativas amorosas de jovens cubanos no Facebook.

objeto principal da narração, o autor propõe que este ato seja entendido como uma prática não exclusivamente mimética, senão como uma tentativa de transformação do mundo dada a partir de formatações específicas e maneiras de organizar o pensamento de modo a inscrever esse referente em contextos históricos e cognitivos. Em outras palavras, escrever e narrar constituiriam processos de construção de uma realidade a partir de fatos e pontos de vista. No caso dos gêneros autobiográficos, estes pontos de vista ganham centralidade como criadores do fato a partir da vivência.

Práticas de escrita autobiográfica precedem a chegada da internet. A autobiografia diz respeito a uma prática consolidada durante o século XIX no Ocidente que colocou como eixo central do relato vivências e reflexões altamente subjetivas do próprio narrador, utilizando para isso formas narrativas essencialmente testemunhais. Autores como Bourdieu (2006), consideram que haveria uma ruptura importante na ordem retórica que distingue os relatos autobiográficos de outros gêneros, como o romance modernista, por exemplo, cujos relatos ordenados e coerentes não dariam conta —tão bem quanto o gênero autobiográfico faz — de narrar histórias de vida por natureza desordenadas, aleatórias e imprevisíveis, caracterizadas por recursos como o fluxo de consciência, que garantem um teor mais descontraído e vivencial ao relato em si. O autor continua argumentando que a narrativa autobiográfica pode ser entendida então como uma instituição discursiva que visa outorgar sentido próprio à experiência vivida:

O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico [...] propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica [...] tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis. O sujeito e o objeto da biografia têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência narrada [...] (BOURDIEU, 2006, p. 184).

Ao revisarmos uma literatura mais recente sobre a temática da autobiografia, detectamos compreensões como a de Wang e Brockmeier (2002), que descrevem que a ideia de memória autobiográfica é fundamentalmente cultural. Isto se ancora no fato de que a noção Ocidental de “recordar” está intimamente ligada ao desenvolvimento de um self autônomo e autocentrado descrito acima. Para as autoras, tal categoria se define enquanto “[...] construção ativa incorporada a uma onda social de diálogos que são negociados não apenas entre o indivíduo e seus ambientes sociais imediatos [...] mas também [...] entre ele próprio e seu meio cultural mais amplo” (WANG e BROCKMEIER, 2002. p.4).³

Aqui teríamos dois pontos caros à nossa discussão, acionados tanto por Bourdieu (2006) quanto por Wang e Brockmeier (2002), que se resumem na ideia de que não apenas a forma como

³ Tradução livre.

lembramos é sedimentada em unidades culturais particulares, mas esta especificidade também fica refletida na forma como vamos processar essa memória através das narrativas que construímos em cima delas. Um estudo conduzido por Gauer e Gomes (2008) com estudantes universitários, demonstrou que quando recordamos, nossas memórias autobiográficas são construídas sob a influência de dois fatores: o que julgamos ser significativo para nossas vivências pessoais (reflexividade), e as condições (emocionais, sociais, etc.) de vida em que o sujeito que recorda se encontra na hora de recuperar alguma vivência: “De um modo ou de outro, o que está implícito na recuperação de eventos pessoais são as capacidades de memorizar eventos e de julgá-los reflexivamente” (GAUER e GOMES, 2008, p.508). Dos apontamentos realizados pelos autores, podemos demarcar que, por um lado, a construção de memórias autobiográficas é de alguma forma um processo de acoplagem deliberada de fragmentos (passados e presentes) da história de vida dos sujeitos, e por outro, interessa pensar que essa construção da lembrança ocorre através de formas discursivas diversas.

Quando importamos este entendimento do gênero autobiográfico em seu sentido mais amplo e o deslocamos para o cenário dinâmico dos sites de redes sociais, observamos diferenças fundamentais; entretanto, também semelhanças contundentes. Em tentativa por pensar os possíveis desdobramentos das narrativas de si em sites de redes sociais, Polivanov (2014) ressalta as potencialidades taxonômicas do termo autoapresentação para explicar as práticas de representação identitária que sujeitos desenvolvem nos sites de redes sociais; entendendo tal categoria enquanto “[...] apresentação, que pressupõe a figura do outro para o qual se apresenta o ator social” (POLIVANOV, 2014, p.84). Aqui teríamos um primeiro elemento: a alteridade como condição fundamental para que a apresentação de si aconteça, o que traz consequências importantes para a forma em que os discursos são estruturados e, inclusive, sobre a escolha do tipo de vivências que irão ser narradas na visibilidade. Assim sendo, estaríamos diante de comportamentos particularmente autorreflexivos onde a consciência de um outro distante —espacial e subjetivamente— e ao mesmo tempo próximo —ao qual acessa-se por meio dos textos postos à sua disposição—, seria um elemento central para a construção de si e de um relato autobiográfico consistente através das práticas enunciativas. Retomando o argumento traçado por Sibilia (2016), *blogs* e sites de redes sociais estariam sendo expressão fiel da passagem da introdireção para a alterdireção: “[...] algo que se percebe tanto nos processos de construção de subjetividades como nos tipos de sociabilidades que elas propiciam” (SIBILIA, 2016, p. 314). Assim, relatos de si construídos nos sites de redes sociais não apenas manifestam novos modos de fazer autobiografias a partir de elementos retóricos viabilizados pelas estruturas de cada plataforma (PEREIRA, 2016); senão que também facilitam a

presença e participação de um “outro” na construção dessas narrativas pessoais, outrora restritas à intimidade.

Um segundo elemento que permite entender os relatos de si nas mídias digitais enquanto um gênero autobiográfico, seria o fato de que os colapsos temporais (POLIVANOV e SANTOS, 2020) produzidos nessas ambiências, favorecem que as narrativas autobiográficas sejam construídas a partir de microrrelatos que acionam temporalidades desordenadas, não necessariamente condizentes com a ordem cronológica a partir da qual os acontecimentos ocorrem e são vivenciados pelos sujeitos. Um terceiro ponto nos leva à convergência entre narrador e personagem que os gêneros autobiográficos representam, e que vemos tão claramente nos relatos de si elaborados nos sites de redes sociais mediante a figura do usuário-narrador. Por fim, o quarto elemento estaria associado à identificação destas narrativas em rede enquanto escritas descontraídas, onde apesar de haver processos deliberados de seleção e formatação dos conteúdos postados, percebemos também fluxos de consciência individuais que se assemelham das autobiografias e escritas testemunhais consagradas na literatura e no jornalismo (ARFUCH, 2010).

2. TECENDO MEMÓRIAS AUTOBIOGRÁFICAS NOS SITES DE REDES SOCIAIS

As mídias sociais possuem e também dinamizam uma série de práticas e maneiras de organizar vínculos que resultam das mudanças nas plataformas pelas quais o discurso circula, e das reconfigurações na forma em que as subjetividades são moldadas nestes ambientes, leiam-se as éticas negociadas sobre o que é “socialmente apropriado” publicizar e os modos de fazê-lo. No entanto, não falamos de um fenômeno repentino. Há uma interligação importante entre a as mudanças históricas que levaram ao indivíduo contemporâneo a estabelecer relações particulares com seu eu interior e a forma em que este indivíduo —marcado por um contexto cultural, tecnológico e afetivo específico— impõe sua presença no mundo através do relato. Ferraz (2005) em artigo sobre tecnologia e memória, discute sobre estas complexas relações quando argumenta: “Tais tecnologias exprimem (e também produzem) novas exigências sobre a temporalidade, os corpos e as subjetividades, que remetem à formação histórica atual, em um contexto de hiperaceleração dos fluxos capitalísticos” (FERRAZ, 2005, p.54). No caso do *Facebook*, estas novas exigências resultam especialmente localizáveis na forma em que usuários organizam seus conteúdos dentro do espaço individual que lhe é conferido para narrar sua identidade: o perfil. Em se tratando de um processo consciente de customização do self na visibilidade, atores sociais vão moldando diariamente e através de textualidades diversas (imagens, *gifs*, músicas, etc.) suas próprias existências ao tempo em que

refletem sobre as formas e consequências de narrar a si próprio perante audiências de natureza e vínculos heterogêneos.

Isto dialoga com uma das teses apontadas por Daniel Miller (2011) em estudo com usuários do *Facebook* em Trindade e Tobago. Nessa pesquisa, o autor entende a plataforma enquanto transformadora do self e da consciência do self, por ela ser capaz de fornecer a base moral para nos definirmos a partir da nossa noção de essência individual e do que almejamos ser. Nos termos de Matuck e Meucci (2008), esse processo, que também pode ser entendido como autodefinição, ocorre nos ambientes online principalmente através “[...] do registro de dados pessoais, das descrições narrativas, das imagens e fotos postadas, bem como pela maneira que as pessoas organizam seu perfil” (MATUCK e MEUCCI, 2008, p.163). Contudo, apesar do caráter indiscutivelmente intencional das dinâmicas e processos de autodefinição nos sites de redes sociais, há momentos em que tais discursos serão afetados pelas rupturas performáticas que ocorrem a partir da mediação tanto de atores humanos quanto não humanos no cenário online (POLIVANOV e CARRERA, 2019). Nesse sentido, a ideia de rupturas performáticas direciona o olhar para dinâmicas humanas e não humanas que interferem na apresentação de si nos sites de redes sociais, gerando “efeitos inesperados” não alinhados com as intencionalidades dos atores envolvidos (CARRERA e POLIVANOV, 2019). Com base na compreensão preliminar desenvolvida pelas autoras em torno da questão das rupturas performáticas, procuramos entender a seguir as especificidades dessas dinâmicas no contexto de construção de memórias autobiográficas no site de rede social *Facebook*. Tais memórias são entendidas aqui como narrativas de autodefinição que usuários armazenam nos seus perfis com ajuda das ferramentas que a plataforma disponibiliza. Sob a ação do tempo e a atualização da plataforma, tais discursos se tornam passíveis de serem acessados e ressocializados coletivamente, produzindo potencialmente “efeitos inesperados” (CARRERA e POLIVANOV, 2019) para aqueles usuários que os colocaram em circulação.

3. “UM DIA COMO HOJE...”⁴. Apontamentos preliminares para uma compreensão da memória autobiográfica no *Facebook*.

Por acolher diversas funcionalidades originadas em outros sites de redes sociais, *Facebook* tem se tornado ao longo dos anos um dos espaços mais populares de sociabilidade na internet.

⁴ Nome da funcionalidade lançada em 2014 pelos fundadores do site de rede social *Facebook* que permite aos seus usuários compartilhar postagens antigas (lembranças).

Segundo algumas estatísticas, a plataforma é atualmente a mais utilizada a nível mundial e em Cuba, onde ganha destaque diante do restante de mídias digitais acessadas desde a ilha⁵.

No *Facebook*, os usuários tem a possibilidade de compartilhar constantemente vivências do seu cotidiano utilizando para isso diversos formatos narrativos. A plataforma permite o *upload* de conteúdos que vão desde um texto simples até vídeos e outros tipos de gêneros multimídia que, quando disponíveis ao olhar público, se tornam memórias vivas do cotidiano das pessoas às quais múltiplas audiências acessam por vias diversas (comentários de amigos, compartilhamentos, etc.).

Com base nos apontamentos realizados por Dalmaso (2015) identificamos a plataforma enquanto agente agregador de micro memórias individuais e ao mesmo tempo gerador de memórias coletivas que seriam efêmeras, pois ao haver grandes quantidades de conteúdos disponíveis que são constantemente atualizados nas *timelines*, relatos mais antigos vão se perdendo com o tempo dos debates e interações no presente. Entretanto, qualquer usuário com acesso ao perfil pessoal de outros atores, teria, a princípio, a possibilidade de procurar conscientemente memórias armazenadas — rastreáveis — e colocá-las novamente em circulação mediante atos como uma curtida, um comentário ou um compartilhamento, que imediatamente trariam à luz pública um relato disperso no tempo narrativo de cada usuário. Conforme afirma Pereira ao se referir ao site *Facebook* (2016):

A plataforma permite a recuperação de contatos do passado e transpassa barreiras geográficas, facilitando a busca direta por nome ou o acesso a grupos e páginas que reúnem a comunidade de uma escola, de uma empresa ou de uma cidade. E vai além quando transforma esses contatos em conexões permanentes, sem limites quantitativos, viabilizando sua retomada e aprofundamento com apenas um *click*, quando se curte a atualização de status de alguém, por exemplo (PEREIRA, 2016, p. 107).

Atualmente, a ferramenta dos “*stories*” garante a possibilidade de que usuários construam relatos mais efêmeros e mais imediatos. Esta funcionalidade permite a interação em rede mediante a elaboração e publicização de histórias breves que vão sendo estruturadas por meio de “*slides*” ou fotogramas, organizados em sequência para outorgar um sentido lógico aos relatos. Contudo, estas “*histórias*” acabam sendo rapidamente apagadas da memória coletiva de cada rede de contatos⁶, já que são programadas para serem precíves, o que não lhes garante uma permanência na rede mais longa do que 24 horas. Contudo, existem ferramentas e dinâmicas que promovem a circulação de

⁵ Dados disponíveis em: <https://gs.statcounter.com/social-media-stats/all/cuba>. Último acesso em 18/10/2021.

⁶ Contudo, a curadoria do usuário sobre suas próprias narrativas lhe permite decidir sobre o tempo útil desses relatos efêmeros. A ferramenta “*Destaques*”, lançada também pelo Instagram, funciona como veículo para fixar permanentemente os fotogramas ou slides circulados através dos *Stories*.

memórias do cotidiano a longo prazo dentro da plataforma, e sobre cuja permanência nos registros autobiográficos dos perfis exclusivamente o usuário que as põe em circulação tem autoridade, dispondo a quantidade de tempo que elas vão permanecer no repertório do perfil⁷ e decidindo se serão ou não ser “recicladas”⁸. Tal é o caso da ferramenta ou recurso de lembranças “Um dia como hoje...”, disponível no *Facebook*, em que a própria plataforma lembra de forma exclusiva ao usuário sobre postagens passadas realizadas por ele/ela, podendo ser essas postagens tanto dos “stories” quanto do *feed* do perfil. Dessa forma, postagens mantidas pelos usuários no repertório do perfil individual gerenciado por eles seriam um tipo de narrativa “rastreadável” pelo algoritmo mediante funcionalidades tais como “Um dia como hoje...”, e também de alguma forma passíveis de serem acessadas, tanto pela rede de contatos ou por eles próprios, entanto constituem “[...] o vestígio de uma ação efetuada por um indivíduo qualquer no ciberespaço” (BRUNO, 2012, p. 5). Essas postagens armazenadas nos perfis individuais da plataforma são aquelas que funcionalidades como “Um dia como hoje...” trazem à tona. Para além de entendermos que cada ação/relato que fazemos circular dentro da plataforma seria, de alguma forma, rastreadável, analisamos aqui aqueles atos de publicização consciente de narrativas que, sob a ação do tempo e por um agenciamento em que se combinam mecanismos automáticos das mídias junto da ação dos usuários, são recicladas dentro do circuito social que integra o *Facebook*, podendo ganhar assim novas interações (comentários, curtidas) que podem ressignificar essas narrativas no tempo presente.

A ferramenta “Um dia como hoje” é gerada automaticamente pelos algoritmos do *Facebook*, e permite que o usuário possa entrar em contato com memórias que ele terá a possibilidade de (re)postar ou não, e isto tem consequências importantes nas dimensões afetiva e social dos sujeitos, como iremos ver na análise empírica. No campo discursivo dos sites de redes sociais, as memórias individuais e coletivas circulam sem muitas vezes serem acompanhadas por uma ancoragem temporal que as registre num tempo cronológico específico e de fato essas plataformas se caracterizam por uma desordem temporal acionada justamente pelas dinâmicas de circulação das narrativas nesses ambientes (POLIVANOV e SANTOS, 2020). Os usuários podem optar, por exemplo, por postar imagens no presente referentes a vivências do seu passado, o que pode acarretar uma leitura descompassada em termos temporais pela rede de contatos, que pode entendê-la enquanto uma vivência coincidente com o momento da postagem (tempo presente), ainda mais se a foto publicizada não estiver acompanhada de marcadores temporais que a contextualizem, tais como legendas, datas,

⁷ No *Facebook*, os usuários tem certa “autoridade” sob os conteúdos que eles mesmos postam na medida em que podem apagar, ocultar ou restringir a privacidade com relação a determinada postagem autoral.

⁸ Embora a possibilidade de “printar” narrativas de outros usuários permitam que não só os autores da narrativa circulante tenham algum controle sobre a quantidade de tempo e os espaços pelos quais circula.

dentre outros. Desse modo, existe também nesta complexa relação a agência dessa rede de contatos na releitura e socialização da narrativa. Se por acaso um segmento do grupo receptor da memória participou da sua construção fora do plano narrativo que a recria no *Facebook*, e contêm no seu imaginário registros de quando dito sucesso teve lugar, por exemplo, o significado coletivo daquela mensagem mudaria e, conseqüentemente, suas interações posteriores, pois, conforme Halwbacks (1990) lembra, a memória coletiva só alcança seus limites nos próprios limites do coletivo que a resguarda, isto é: que estão estreitamente vinculados um ao outro no campo dos imaginários, aspecto que condiz com o exemplo apontado acima.

Desse modo, é no próprio coletivo que reside a garantia de sobrevivência de determinadas memórias, mesmo que tenham sido estruturadas e publicizadas mediante ação individual. Uma vez posto em circulação, o relato torna-se de domínio coletivo, sujeito a interlocução e agenciamento externos, o que provoca em alguns casos conflitos afetivos que repercutem nas práticas discursivas dos atores envolvidos. A partir desta base de análise, interessa explorar as manifestações da memória autobiográfica no site de rede social *Facebook*, partindo do corpus coletado nos perfis pessoais de dois interlocutores que passaram por términos de relacionamento amoroso, que chamaremos de Gisselle e Leonardo⁹.

Giselle é cubana e começou a usar o *Facebook* em 2009. Desde então manteve um uso continuado da plataforma como espaço de socialização que contribui para complementar sua interação com amigos, familiares e parceiros amorosos, segundo foi apontado por ela em uma das entrevistas realizadas. Durante a análise e monitoramento do seu perfil pessoal, Giselle demonstrou ser bastante ativa na plataforma e costumava compartilhar com certa frequência memórias do seu cotidiano familiar, social e inclusive amoroso.

Até meados de 2016, Gisselle teria registrado virtualmente o relacionamento com seu atual ex-namorado, elemento que foi apagado dos seus dados de identificação quando, uma vez terminada a relação entre eles, ela decidiu eliminar todo rastro dessas informações —escritas e gráficas— nas que houvesse algum registro que a relacionasse com essa pessoa; um apagamento consciente da memória que ambos haviam construído no *Facebook* desde que o namoro começou. Na época, a interlocutora não apenas desfez o registro público da relação, mas também fez uso das ferramentas de controle da privacidade que a rede oferece para garantir que essa “atualização” do seu estado não

⁹ A atribuição de nomes fictícios aos interlocutores foi feita de modo intencional, com o objetivo de proteger suas identidades reais, em consonância com os procedimentos éticos orientados pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) que são descritos na coletânea “Ciclo de estudos e debates. Procedimentos éticos e a pesquisa em Antropologia”. Disponível em: http://www.aba.abant.org.br/administrator/product/files/134_00198067.pdf

aparecesse como pública para ninguém que conscientemente não se aventurasse a procurá-la nas suas informações de perfil: “Quando essas coisas acontecem e me vejo na necessidade de apagar alguns dados, sempre tento utilizar algum mecanismo para que ninguém fique sabendo nem comece a fazer perguntas”, apontava Gisselle. Mas o que chama a atenção é seu posicionamento explícito no que diz respeito ao apagamento das histórias e memórias do seu namoro passado que tinham sido compartilhadas por ela em momentos felizes do relacionamento. Segundo declarava em uma das entrevistas *via chat*¹⁰: “Desfazer o namoro não foi o difícil, pois sentimentalmente a gente sabe que acabou, o que resta é pura burocracia. Apagar as fotos foi difícil demais, mas fiz a faxina, precisava começar do zero sem nenhuma lembrança”.

A necessidade de “recomeço” mediante o apagamento dos registros autobiográficos relacionados a relacionamentos amorosos já havia se mostrado relevante em pesquisa anterior (POLIVANOV e SANTOS, 2015), o que nos chama a atenção sobre a importância que tem para os usuários da rede as trocas afetivas que ali se estabelecem. Isso permite indicar a potência de agenciamento dos dispositivos de sociabilidade sobre as performances de quem os põe em circulação, já que ao mesmo tempo que potencializam conflitos no plano afetivo, os sites de redes sociais e em particular o Facebook fornecem ferramentas para contorná-los, conforme apontamos previamente. Para Giselle, se não havia como entrar no seu perfil e olhar uma foto do seu relacionamento antigo, esse já era um grande passo para a superação do término. Nesse sentido, o apagamento do acervo afetivo disponibilizado tanto por ela quanto pelo seu ex-namorado na virtualidade foi fundamental. *Facebook* se apresenta como um espaço para “mostrar” e receber afetos em troca, de modo que qualquer imagem ali publicizada contém o peso da lembrança através da gráfica, mas, ao mesmo tempo, o significado das interações que essa própria imagem foi capaz de gerar na temporalidade em que esteve inscrita: comentários, palavras de afetos, trocas. Tais imagens:

[...] servem como forma de expressão autobiográfica, de comunicação interpessoal e de registro e recordação do passado, por outro lado, são também documentos importantes sobre formas dominantes de pensar, sentir, dizer — e também recordar — em curso na atualidade (CARNEIRO e GERMANO, 201, p.118).

Acessar essas lembranças ou a simples possibilidade de que elas sejam recicladas ou trazidas à tona por dinâmicas internas das plataformas, tais como “Um dia como hoje...”, portanto, vai além do simples contato com a imagem em si, supõe a ativação de lembranças de interações passadas com

¹⁰ As entrevistas mencionadas no artigo foram conduzidas no período de 2016-2017, etapa de conclusão da pesquisa de mestrado da autora.

amigos ou parceiros, que podem gerar conflitos emocionais para sujeitos em posições vulneráveis, afetivamente falando. Apesar do discurso do recomeço acionado por Gisselle, no entanto, observamos que nem todas as memórias do relacionamento foram apagadas do perfil da interlocutora e uma revisão detalhada nos permitiu constatar que houve, em contrapartida, um apagamento intencional das memórias e narrativas amorosas que ambos construíram durante o relacionamento; o que denota a alta dose de autorreflexividade.

Apesar de não ser possível desvendar totalmente as razões que levaram Gisselle a fazer esta seleção, infere-se, em consonância com Gauer e Gomes (2008), que a construção da memória em torno do relacionamento foi feita a partir da atribuição de significados reflexivos, por parte de Gisselle, a essas vivências que permaneceram e houve, portanto, uma curadoria do repertório autobiográfico que armazena as memórias do relacionamento amoroso da interlocutora.

Ao discutirmos sobre relatos e performances de si em sites de redes sociais nos debruçamos inevitavelmente sobre questões atreladas ao agenciamento que a consciência do eu na visibilidade possui na formatação e inclusive escolha das vivências e depoimentos que usuários optam por publicizar na virtualidade. Polivanov (2014) aponta para a dimensão da intencionalidade presente nas práticas dos usuários nos sites de redes sociais e também dessa consciência de estar visível quando argumenta:

[...] a noção de privacidade —reconfigurada no contexto dos SRS— está atrelada à rede de contatos que o ator social configura em cada ambiente digital (“controle sobre quem sabe o que sobre você”) e é refletidamente ponderada pelos sujeitos, que controlam e gerenciam o que querem divulgar, protegendo, assim, sua intimidade, ao invés de expô-la (POLIVANOV, 2014, p. 56).

O gerenciamento individual referido pela autora indica a relação entre o que é publicizado pelos usuários e a rede de contatos configurada por eles, apontando diretamente para a possibilidade de que outros atores entrem no jogo de recriação da narrativa posta em circulação, editando-a e inclusive interagindo com ela, outorgando novos sentidos. Colocar relatos íntimos a disposição de uma rede pública —mesmo que esta seja controlada pelo usuário em questão— significa entender que se facilita que outros usuários a transformem e ajam nela e através dela.

Por motivos que não cabe a nós esclarecer no contexto deste artigo, o apagamento seletivo de alguns conteúdos realizado pela interlocutora Giselle pareceu ser guiado por critérios que objetivavam a manutenção de certo “status” da sua biografia online e, ao mesmo tempo, de uma necessidade de poder acessar a essas lembranças sempre que quisesse.

De modo similar, Leonardo, outro dos interlocutores, relatava ter se deparado em vários momentos de uso da plataforma com questões problemáticas no que diz respeito das “lembranças” geradas pelo Facebook que remetiam a relacionamentos amorosos. Também de nacionalidade cubana, Leonardo comentava em uma das nossas interlocuções que após ter enviado o pedido de registro do namoro virtualmente para Claudia (sua parceira sentimental na época da pesquisa), achou-se numa situação de desconforto ao ter que “desfazer” essa oficialização quando o relacionamento terminou. Consideramos que tal desconforto condiz com um argumento caro para nossa discussão: a possibilidade de registro de memórias íntimas nos sites de redes sociais —não rastreáveis, a priori, só através de um apagamento consciente— está reconfigurando nossas formas de relação com a memória em circuitos de sociabilidade coletivos em que também as estruturas midiáticas e os agentes humanos que integram as redes de contato possuem capacidades de agenciamento sob os relatos. Isto traz, como foi constatado, consequências no plano afetivo para os sujeitos. No caso do interlocutor, identificamos que a memória da “oficialização” do namoro com Claudia no *Facebook*, trouxe à tona afetações pós-término visíveis no plano narrativo e no que diz respeito da performance de si tecida por Leonardo nessa plataforma. Como sustenta sua fala durante as entrevistas, comprovamos que a maneira de narrar sua autobiografia no que diz respeito das relações afetivas nesse site mudou de maneira drástica:

Já não uso mais a rede para essas coisas¹¹. Desde o momento em que terminei meu relacionamento com Claudia, optei por uma estratégia de zero Facebook para esse tipo de depoimento. Há 7 meses estou num novo relacionamento e, se observar com detalhe, dá para ver que não público quase nada sobre isso.

Tais exemplos demonstram como, ao se transformarem de relatos que —a priori— “reciclarão” para os usuários o contexto emocional positivo nos que foram criados, em situações conflituosas as narrativas autobiográficas amorosas publicizadas pelos interlocutores, uma vez transformadas em memórias a partir da mediação do tempo e das estruturas das plataformas, podem potencialmente promover rupturas performáticas na medida em que “as intencionalidades dos atores não são cumpridas” (POLIVANOV e CARRERA, 2019). Apesar de que a ideia de rupturas performáticas remete numa aproximação preliminar aos atos falhos por parte dos usuários nos sites de redes sociais, outros recortes possíveis, como o caso do interlocutor Leonardo mostrou, permitem apontar também para a importância da dimensão temporal. Isto indica que, mesmo que a ruptura continue ocorrendo fundamentalmente pela ação dos atores, justamente algumas ações realizadas nas

¹¹ Com isto o interlocutor estava se referindo a narrativas amorosas.

plataformas no tempo passado, como a “oficialização” do namoro no *Facebook*, podem se tornar problemáticas no futuro.

Nossas performances cotidianas nos sites de redes sociais estruturam textualmente vivências que, se narradas em outros ambientes de socialização, teriam alcance menor, e ao mesmo tempo, as possibilidades de acesso a elas seriam limitadas. Quando restritas à socialização oral, o potencial de rastreamento e de acesso em si às memórias fica limitado. Entretanto, as dinâmicas e funcionalidades dos sites de redes sociais favorecem o retorno cíclico de relatos de si armazenados no repertório autobiográfico dos usuários, cuja releitura coletiva depende tanto de ações de valor por parte dos usuários que compõem essa rede¹², quanto do agenciamento das plataformas, que fazem com que as narrativas —e memórias—, se tornem “facilmente recuperáveis” (BRUNO, 2012, p.6).

Enquanto funcionalidade do *Facebook*, “Um dia como hoje” se baseia no critério de escolher retrospectivamente o tempo da postagem que será retomada e não parece seguir uma sequência diacrônica (um ano atrás, dois anos atrás, e assim por diante), constituindo uma escolha cronológica a priori aleatória, realizada pela plataforma, que em alguns dos casos pode resultar problemática para o usuário que é “lembrado” da vivência que em algum momento da sua experiência online ele/ela mesmo(a) publicizou.

Neste caso, exclusivamente os usuários tem acesso à lembrança, e eles próprios podem optar por reciclá-la, ou não, em função dos seus interesses, das pessoas envolvidas, ou talvez de o fato da lembrança ser condizente ou não com as novas experiências que conformam a história de vida posterior à vivência do sujeito (GAUER e GOMES, 2008), dentre outras. No entanto, o simples contato com a lembrança pode acionar conflitos afetivos para os usuários, pelas razões que os exemplos de Giselle e Leonardo mostraram, de modo que, embora a decisão de ressocializar a lembrança no tempo presente dependa principalmente da ação dos usuários, a exposição não consciente a ela e a possibilidade de que outros usuários tenham algum tipo de controle sobre esse conteúdo também complexificam e adensam a relação com o relato e as possibilidades de que ele seja acessado novamente pelo coletivo que compõe as redes de contato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos sites de redes sociais, a tríade tempo, memória e narrativa torna-se especialmente complexa, o que pode ser percebido através de algumas dimensões: em primeiro lugar, narrativas autobiográficas se tornam, uma vez publicizadas e a partir da ação do tempo, parte de uma memória

¹² Nos referimos a curtidas, comentários ou compartilhamentos.

coletiva em cima da qual as estruturas de cada plataforma, assim como a customização realizada pelos atores humanos envolvidos com tal relato, estabelecem interferências que podem alterar e inclusive apagar desse acervo coletivo memórias construídas em rede.

Os dois casos analisados no artigo indicaram que relatos de si inscritos no *Facebook*, agenciam afetos e práticas sociais dos usuários que ali convivem. Baseados no entendimento dos ambientes digitais enquanto acervos da memória autobiográfica na contemporaneidade, foi apontada a relação interdependente entre as afetações produzidas por narrativas deslocadas no tempo e não condizentes com as vivências do presente dos sujeitos envolvidos nelas, assim como nas dinâmicas que futuramente irão pôr em prática para moldar seus *selfs* narrativos na visibilidade. A autobiografia torna-se então, no contexto da sociabilidade virtual, um processo através do qual o *self* se materializa por meio dos recursos narrativos disponibilizados por cada plataforma e também pela consciência da rede de contatos, conduzindo aos atores dentro do mapa social interconectado. Tais relatos, quando disponibilizados na visibilidade, iniciam um processo de circulação dentro de um tecido social heterogêneo que os adota e se apropria deles, outorgando a essas narrativas um caráter de memórias facilmente rastreáveis. Dentro deste complexo cenário, a própria materialidade das plataformas possui uma capacidade agenciadora importante e, mesmo não sendo nosso interesse abordar questões atreladas aos efeitos que algoritmos e arquitetura das mídias tem, consideramos de grande relevância entender que a maneira em que as mídias se integram e funcionam repercute diretamente na forma em que sujeitos são afetados pelas narrativas biográficas que eles próprios põem em circulação, potencializando os riscos de rupturas performáticas (POLIVANOV e CARRERA, 2019) sob a ação da dimensão temporal.

O artigo buscou trazer algumas reflexões em torno de uma temática altamente complexa, explorada aqui de maneira preliminar. As ideias aqui mostradas nasceram de análises realizadas a partir de um recorte limitado, focalizando nas experiências individuais de duas pessoas que passaram por períodos de relacionamentos amorosos onde a plataforma *Facebook* desempenhou um papel central. Assim sendo, este constitui apenas um ponto de partida para debates futuros que possam ser tecidos, de forma interdisciplinar, em torno das manifestações da memória autobiográfica no cenário das mídias digitais a partir de recortes diversificados e explorando as metodologias que melhor se adequem ao objeto.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico. Dilemas da subjetividade contemporânea.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

- BERTO, Sr. Matheus; GONÇALVES, Elizabeth. Diálogos online: intersemioses do gênero Facebook. **C-Legenda-Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual**, n. 25, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro, 2006.
- BOYD, Danah M.; ELLISON, Nicole B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. **Journal of computer-mediated Communication**, v. 13, n. 1, p. 210-230, 2007.
- BRUNO, Fernanda. Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 19, n. 3, p. 681-704, 2012.
- DALMASO, Silvana. A construção da memória nos sites e redes sociais: percepções sobre experiências no Facebook. **10º Encontro Nacional de História da Mídia**, 2015.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- DE SOUZA CARNEIRO, Jéssica; GERMANO, Idilva Maria Pires. Memória e sites de redes sociais: Miatização da imagem em recordações e narrativas autobiográficas. **Revista de Psicologia**, v. 8, n. 1, p. 109-120, 2017.
- FERRAZ, Maria Cristina Franco. Tecnologias, memória e esquecimento: da modernidade à contemporaneidade. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, n. 27, p. 49-57, 2005.
- GAUER, Gustavo; GOMES, William Barbosa. Recordação de eventos pessoais: Memória autobiográfica, consciência e julgamento. **Psicologia: teoria e pesquisa. Brasília. Vol. 24, n. 4 (out./dez. 2008), p. 507-514.**, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **La memoria colectiva**. Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2004.
- MATUCK, Artur; MEUCCI, Artur. A criação de identidades virtuais através das linguagens digitais. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 2, n. 4, p. 157-182, 2008.
- MILLER, Daniel. **Tales from Facebook**. Polity, 2011.
- PEREIRA, Marília. **Éthos em rede. Dinâmicas, apropriações e implicações do éthos conectado no Facebook**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola Superior de Propaganda e Marketing (PPGCOM-ESPM/SP), 2016.
- POLIVANOV, Beatriz Brandão; CARRERA, Fernanda Ariane Silva. Rupturas performáticas em sites de redes sociais: um olhar sobre fissuras no processo de apresentação de si a partir de e para além de Goffman. **Intexto**, n. 44, p. 74-98, 2019.
- POLIVANOV, Beatriz. **Dinâmicas identitárias em sites de redes sociais: estudo com participantes de cenas de música eletrônica no Facebook**. Multifoco, 2014.
- POLIVANOV, BEATRIZ; SANTOS, DEBORAH. Collapsed temporalities on social media: Cuban expats in Brazil and Facebook. **Networking Knowledge: Journal of the MeCCSA**, 2020.

POLIVANOV, Beatriz Brandão; SANTOS, Deborah Rodríguez. “O mais importante é que a outra pessoa possa te perceber forte”: narrativas de superação em término de relacionamento enquanto performance de si no Facebook. **Ação Midiática–Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura.**, v. 1, n. 10, p. 161-180, 2015.

RADSTONE, Susannah. 12 Autobiographical times. **Feminism & Autobiography: Texts, Theories, Methods**, p. 201, 2002.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa (I)**. Papirus, 1994.

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu. A intimidade como espetáculo**. Contraponto, 2016.

TAYLOR, Jodie. The intimate insider: negotiating the ethics of friendship when doing insider research. **Qualitative research**, v. 11, n. 1, p. 3-22, 2011.

WANG, Qi; BROCKMEIER, Jens. Autobiographical remembering as cultural practice: Understanding the interplay between memory, self and culture. **Culture & Psychology**, v. 8, n. 1, p. 45-64, 2002.

Informações sobre o Artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese: O artigo trabalha a partir de um recorte empírico extraído da pesquisa de mestrado da autora.

Fontes de financiamento: CAPES

Deborah Rodríguez Santos

Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. Possui graduação em Comunicação Social - Universidad de La Habana (2013). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Teoria da Comunicação, Estéticas e Tecnologias da Comunicação e Estudos Migratórios.

E-mail: debrs1990@gmail.com